


ROMANCE

NEW YORK TIMES  
BESTSELLING AUTHOR

# Nora Roberts

*Duas histórias*

## *Regressos*

 Harlequin

## CAPÍTULO UM

O TÁXI ziguezagueava através do tráfego na saída do aeroporto. Gwen deixou escapar um longo suspiro ao sentir o calor da Louisiana pulsar ao seu redor. Ela se remexeu no banco, sentindo o algodão fino da blusa cor de marfim que usava colar às suas costas. O alívio não durou muito. Estreitando os olhos pela janela, Gwen confirmou que o sol de julho não mudara nada nos dois anos em que estivera longe. O táxi desviou do caminho para o centro de Nova Orleans e se dirigiu para o sul. Gwen constatou que muito pouco mudara nesses dois anos, a não ser por ela mesma. A barba-de-velho ainda se derramava por sobre as árvores à beira da estrada, provocando um efeito irreal, mesmo sob o sol forte da tarde. O aroma quente e forte

das flores continuava perfumando o ar. A atmosfera do lugar era dominada por uma indolência tranquila que ela já quase esquecera durante os dois anos que passara em Manhattan. Sim, confirmou Gwen, esticando o pescoço para conseguir ver de relance o *bayou* escondido pela vegetação, fui eu que mudei. Eu cresci.

Quando deixara a Louisiana, Gwen tinha 21 anos, era inocente e idealista. Agora, aos 23, sentia-se madura e experiente. Como assistente da editora de moda da revista *Style*, aprendera a lidar com prazos apertados, a acalmar modelos temperamentais e a organizar, com dificuldade, sua vida pessoal em função de sua vida profissional. E mais, aprendera a enfrentar tudo sozinha, sem o conforto das pessoas e lugares conhecidos. A saudade desesperada de casa que sentira durante os primeiros meses em Nova York agora já estava esquecida, a insegurança torturante e o medo absoluto por estar sozinha haviam sido banidos de sua memória. Gwen Lacrosse não apenas sobrevivera com a substituição das magnólias de Nova Orleans para o concreto da cidade grande como sentia-se triunfante. Essa garotinha de uma pequena cidade do Sul pode tomar conta de si mesma, pensou, com um lampejo de desafio. Gwen voltara não apenas para uma visita, ou um verão sabático. Viera com uma missão. Ela cruzou os braços diante do peito em um gesto inconsciente de determinação.

Pelo espelho retrovisor, o taxista viu de relance um rosto longo e oval cercado por um alvoroço de cachos cor de caramelo até a altura dos ombros. A estrutura óssea do rosto de sua passageira era elegante, mas as feições bem-delineadas tinham uma expressão severa. Os grandes olhos castanhos estavam perdidos na distância e a boca larga de lábios carnudos não sorria. Apesar da expressão séria, o taxista percebeu que era o rosto de uma vencedora. Sem perceber que estava sendo examinada, Gwen continuou com a testa franzida, absorta em seus pensamentos. A paisagem ao redor ficou indistinta e desapareceu de sua visão.

Como uma mulher de 47 anos podia ser tão absolutamente inocente?, perguntou-se. Que papel de tola a mãe devia estar fazendo... Anabelle sempre fora sonhadora e nada prática, mas aquilo! E era tudo culpa *dele*, pensou Gwen, ressentida. Seus olhos se estreitaram quando ela sentiu seu temperamento forte se agitar, tingindo de rosa a pele cor de marfim. *Luke Powers* — Gwen cerrou os dentes ao pensar no nome —, romancista e roteirista de sucesso, solteiro cobiçado e cidadão do mundo. *E um rato*, acrescentou Gwen, torcendo a alça da bolsa de couro sem perceber, em um movimento bastante semelhante ao de torcer um pescoço. Um rato de 35 anos. Bem, sr. Powers, continuou Gwen em seus pensamentos, seu ro-

mancezinho com a minha mãe está prestes a terminar. Atravessei todo o país para mandá-lo para o inferno. E será isso o que farei, usando todos os meios necessários, honestos ou não.

Gwen se recostou no banco, soprou um cacho para longe dos olhos e deleitou-se imaginando o prazer de expulsar Luke Powers da vida de sua mãe. Pesquisas para um novo livro... Ela desdenhou consigo mesma e franziu o cenho, relembrando as cartas que recebera da mãe nos últimos três meses. Luke Powers fora mencionado em quase todas as páginas dos papéis com perfume de violeta — ajudando a mãe no jardim, levando-a ao teatro, consertando alguma coisa na casa, tornando-se praticamente indispensável.

A princípio, Gwen não prestara muita atenção às constantes referências a Luke. Já estava acostumada com o entusiasmo da mãe pelas pessoas, com sua visão de mundo floreada e sentimental. E, para ser honesta, reconheceu Gwen com um suspiro, eu estava preocupada com minha própria vida, com meus próprios problemas. Seus pensamentos se voltaram para Michael Palmer, o hábil, brilhante, egoísta e confiável Michael. Uma pequena nuvem de depressão ameaçou descer sobre ela ao se lembrar de como fracassara em manter o relacionamento deles. Michael merecia mais do que ela podia dar a ele, pensou com tristeza. A expressão nos olhos de Gwen se anuviou

quando ela recordou a própria inabilidade para se doar como Michael queria. Ela recuara de corpo e alma, incapaz ou sem vontade de assumir um compromisso. Gwen afastou rapidamente o humor sombrio e lembrou a si mesma que apesar de ter falhado com Michael, estava sendo bem-sucedida em sua carreira.

Aos olhos da maioria das pessoas, o mundo da moda era glamouroso, elegante, cheio de pessoas bonitas indo felizes de uma festa para a outra. Gwen quase riu alto do absurdo dessa ilusão. Na verdade, desde que entrara naquele mundo, aprendera que se tratava de um trabalho frenético, louco, cansativo, cheio de artistas temperamentais, modelos nervosas e prazos impossíveis. E sou boa em lidar com isso, afirmou ela, endireitando os ombros automaticamente. Gwen Lacrosse não tinha medo de trabalho duro, nem de um bom desafio.

Seus pensamentos voltaram-se de novo para Luke Powers. Havia afeição demais nas palavras da mãe quando ela escrevia sobre ele, e o nome do homem aparecia vezes demais para o gosto de Gwen. Ao longo dos últimos três meses, sua preocupação só aumentara, até ela sentir que precisava fazer alguma coisa a respeito daquela situação. Por isso, tirara uma licença no trabalho, convencida de que cabia a ela proteger a mãe de um mulherengo como Luke Powers.

Ela não se deixava intimidar pela reputação dele com as palavras ou com as mulheres. Luke pode ter fama de ser um especialista em ambos os assuntos, pensou Gwen, mas sei como tomar conta de mim mesma e da minha mãe. O problema de mamãe é que ela é muito crédula. Vê apenas o que quer ver. E não gosta de ver defeitos. A boca de Gwen se suavizou em um sorriso e seu rosto subitamente mostrou uma beleza de tirar o fôlego. Eu tomarei conta dela, pensou confiante, foi o que sempre fiz.

A alameda que levava à casa onde Gwen passara a infância era ladeada por árvores frágeis carregadas de magnólias. Quando o táxi enveredou por aquelas sombras perfumadas, ela sentiu um estremecimento de genuíno prazer. O perfume das glicínias a alcançou antes mesmo que vislumbrasse a casa. Era uma construção elegante, de três andares, feita de tijolos caiados, com janelas francesas altas e balcões de ferro trabalhado em padrões que lembravam bordados. Uma varanda se estendia por toda a frente da casa e ali as glicínias ficavam à vontade para subir pelas treliças que enfeitavam os dois extremos. A construção não era tão antiga e sofisticada quanto muitas outras da Louisiana, erguidas antes da Guerra Civil, mas tinha o charme e a beleza típicos daquele período. Gwen achava que a casa combinava perfeitamente com a mãe. Ambas eram frágeis, pouco práticas e muito atraentes.

Ela ergueu os olhos para o terceiro andar, quando o táxi se aproximou da entrada. No último andar ficavam as quatro pequenas suítes que haviam sido reformadas para receber “visitantes”, como a mãe os chamava, ou “pensionistas”, na descrição mais objetiva de Gwen. Os visitantes, e suas contribuições financeiras, haviam tornado possível manter a casa na família e cuidar de sua manutenção. Gwen crescera com a presença deles, aceitando-os como se não passassem de uma leve coceira. Agora, no entanto, ela fuzilava com os olhos as janelas do terceiro andar. Uma das suítes era ocupada por Luke Powers. Não por muito tempo, jurou para si mesma, saindo do táxi com o queixo erguido.

Enquanto pagava a corrida, Gwen relanceou os olhos, distraída, na direção de um som abafado, repetitivo e baixo. No pátio lateral, um pouco além de uma camélia em flor, um homem se ocupava em derrubar um carvalho morto há muito tempo. Ele estava despido até a cintura e usava um jeans desbotado e justo sobre os quadris estreitos, baixo o bastante para deixar à mostra uma sugestão da marca do calção de banho. As costas e braços musculosos cintilavam de suor. Os cabelos eram de um castanho intenso, com alguns fios mais claros, deixando clara a preferência dele pelo sol, e se encaracolavam, úmidos, sobre o pescoço e a testa do homem.

A postura dele transmitia confiança e eficiência. As pernas estavam plantadas com firmeza no chão e ele parecia não despender muito esforço em cada golpe. Embora Gwen não pudesse ver seu rosto, teve certeza de que o homem estava gostando do trabalho que fazia — o calor, o suor, o desafio. Ela ficou parada na entrada da casa, admirando a masculinidade crua e básica, a eficiência arrogante nos movimentos. O machado acertava o coração da árvore com violência, mas também com graciosidade. Subitamente ocorreu a Gwen que há meses não via um homem em nenhuma atividade essencialmente física, se não contasse os que corriam no Central Park. Seus lábios se curvaram em um sorriso de aprovação e admiração enquanto o observava erguer o machado e baixá-lo no tronco, os músculos tensionando e ondulando. O machado, a árvore e o homem se completavam, elementares e belos. Gwen percebeu que havia esquecido o quanto a simplicidade podia ser bela.

A árvore estremeceu e gemeu, então hesitou por um instante antes de tombar e cair sobre o solo. Ouviu-se um silvo rápido e um baque.

— Você não disse “madeiraaaa” — comentou ela.

O homem, que erguera o braço para secar o suor da testa, virou-se ao ouvi-la. O sol cintilava às costas dele e impedia que Gwen visse seu rosto claramente. Havia

uma aura de luz ao redor dele, destacando o corpo alto e esguio e o cabelo cheio e encaracolado. O homem parecia um deus, pensou ela, um deus primitivo da fertilidade. Enquanto Gwen ainda o observava, ele apoiou o machado no toco da árvore e caminhou na direção dela, movendo-se como alguém mais acostumado a caminhar sobre areia ou grama do que sobre concreto. Parecia absurdo, mas Gwen sentiu-se como se estivesse sendo caçada. Ela atribuiu a estranha sensação ao fato de que ainda não conseguira distinguir as feições dele. Era um homem sem rosto, embora fosse ao mesmo tempo a personificação da força e da energia masculinas. Para se proteger do sol em seus olhos, Gwen os protegeu com as mãos.

— Foi um trabalho bem-feito. — Ela sorriu, sentindo-se atraída pela masculinidade descomplicada. Só então percebeu o quanto estava entediada com homens de mãos macias, vestidos em ternos de três peças. — Espero que não se importe por ter tido plateia.

— Não. Na verdade, nem todo mundo aprecia uma árvore bem cortada. — Ele não esticava as vogais ao falar. Seu sotaque não era da Louisiana. E quando finalmente conseguiu distinguir o rosto dele, Gwen ficou impressionada com sua força. Era um rosto estreito, de feições marcadas, ossos longos, com uma leve covinha no queixo. Ele não se barbeara, e a sombra da barba

intensificava a virilidade do rosto. Os olhos eram de um azul-acinzentado claro e transmitiam calma e uma inteligência quase surpreendentes sob sobrancelhas grossas. Era uma calma que sugeria poder, que cativava quem os contemplava. No mesmo instante Gwen percebeu que estava diante de um homem que se conhecia muito bem. Embora intrigada, ela se sentiu desconfortável sob o olhar direto. Estava quase certa de que ele conseguia ver além de suas palavras, dentro de seus pensamentos.

— Eu diria que você realmente tem talento para a coisa — falou ela. Ele era altivo, concluiu Gwen, mas não com o tipo de altivez que muitas vezes se aproximava do desinteresse. Era um homem cordial, mas parecia escolher bem com quem. — Tenho certeza de que nunca vi uma árvore tombar com tamanha elegância. — Ela abriu um sorriso generoso. — Está um dia quente para trabalhar com o machado.

— Você é que está vestida demais. — Foi a resposta simples do homem. O olhar dele desceu pela blusa que ela usava, passou pela saia e chegou às pernas, cobertas por meias elegantes. Não foi nem um olhar de avaliação insolente, nem de admiração. Era simplesmente uma afirmação. Gwen manteve o olhar fixo no dele e rezou para não fazer nada tolo, como enrubescer.

— Realmente é uma roupa mais adequada para uma viagem de avião do que para cortar árvores, eu suponho — replicou ela. O aborrecimento de Gwen fez o homem sorrir. Ela se abaixou para pegar as bolsas de viagem, mas seus dedos esbarraram nos dele. Gwen puxou a mão rapidamente e recuou, sentindo uma nova onda de calor percorrer seu corpo, entrando pelos dedos e logo explodindo. Surpresa com a própria reação, ela encarou os olhos tranquilos do homem. A expressão em seu rosto e a sobrancelha erguida demonstraram a confusão que sentia, antes que Gwen pudesse disfarçar. Tola, disse a si mesma, lutando para estabilizar sua pulsação. Completamente tola. Ele observou o choque, a confusão e a irritação passarem pelo rosto dela. Como um espelho, os olhos da mulher refletiam cada emoção.

— Obrigada — disse Gwen, recuperando a pose. — Não quero afastá-lo do seu trabalho.

— Não tenho pressa. — Ele ergueu as bolsas pesadas com facilidade e começou a subir o caminho pavimentado de cerâmica. Gwen acabou seguindo atrás dele. Mesmo usando sapatos de salto alto, ela mal alcançava os ombros do homem. Gwen ergueu os olhos e viu o sol brincar com as mechas mais claras no cabelo dele.

— Você está aqui há muito tempo? — perguntou ela, enquanto subiam os degraus que levavam à varanda.

— Há alguns meses. — Ele pousou as bolsas no chão e apoiou a mão na maçaneta. Então parou e examinou o rosto dela com atenção. Gwen sentiu os lábios se curvarem sem razão alguma. — Você é muito mais bonita pessoalmente do que no retrato, Gwenivere — falou ele, de repente. — Mais simpática e muito mais vulnerável. — Com um movimento rápido da mão, o homem abriu a porta e pegou novamente as bolsas.